



“MANGUEIRA, TEU CENÁRIO É UMA BELEZA!”:
BREVE ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE
O “VERDE E ROSA”

“MANGUEIRA, YOUR SCENARIO IS BEAUTIFUL!”:
A BRIEF ETHNOGRAPHIC ESSAY ABOUT
THE “GREEN AND PINK”

Merilane SANTIAGO¹

Clark MANGABEIRA²

¹ Graduação em Ciências Sociais (UCAM); especialização em DH pela Diversidade Cultural (UnB); graduanda de Pedagogia (UERJ). E-mail: merilaness@gmail.com

² Doutor em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ), carioca e docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: clarkufmt@gmail.com



RESUMO

Breve relato etnográfico sobre a percepção das cores verde e rosa no Morro da Mangueira, o presente ensaio pretende indagar acerca da construção dos significados das cores que colorem a comunidade/Nação Mangueirense, em sentido amplo.

PALAVRAS-CHAVE

mangueira; verde e rosa; etnografia; morro.

ABSTRACT

As a brief ethnographic account of the perception of the colors green and pink in the Morro da Mangueira, this essay aims to ask about the construction of the meanings of the colors that tint the community/nation of Mangueira in a broad sense.

WORDKEYS

mangueira; green and pink; ethnography; slum.

1. O CENÁRIO, UMA BELEZA!

Na Zona Norte do Rio de Janeiro, o Morro de Mangueira tem como uma das suas principais atrações culturais a Escola de Samba G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. Seja o que venhamos fazer no morro, a sala de recepção é a quadra da Escola de Samba, sendo por ela que chegamos para viver quaisquer experiências e, aqui, uma em particular, início desse





ensaio: a experiência de uma das autoras de ministrar aulas de costura, onde tecidos foram alinhados e uma infinidade de histórias foi bordada.

Um dos espaços centrais na dinâmica do Morro é a Travessa Saião Lobato, o famoso “Buraco Quente”, travessa próxima à quadra onde nasce a Estação Primeira de Mangueira e principal via de acesso ao Morro. É a partir do Buraco Quente que se inicia a experiência etnográfica aqui relatada, com a travessa vestida de bandeirinhas em verde e rosa durante todo ano. Até chegar à escola, para além das bandeirinhas, postes, fachadas de casas, toalhas de mesa nos botecos e outras vendinhas, tudo era verde e rosa, não permitindo que nos esquecêssemos de onde estávamos. Cheguei à escola de costura para a aula inaugural e todo o material já estava devidamente organizado, estando disponíveis tecidos, linhas, réguas e tesouras, obviamente, nas devidas cores, verde e rosa.

Assim, revivendo um trajeto etnográfico de subidas e descidas pela Mangueira e na sala de aula de costura, eram sempre apresentados desejos e modos de sociabilidade entremeados pela identidade bicolorida local, demarcada por uma infinidade de atravessamentos, porém, sempre construídas no encontro com essas duas cores.

A premissa desse breve ensaio é, portanto, na esteira etnográfica, lançar alguns questionamentos sobre as cores verde e rosa a partir de tais andanças realizadas pelo e no Morro da Mangueira. Seguindo Gilberto Velho (1978), que discorre sobre tradição antropológica que leva a subjetividade em consideração na construção etnográfica do conhecimento, é a partir de caminhadas pelo Morro da Mangueira que as cores verde e rosa foram se tornando mais destacadas, impondo uma percepção específica sobre a relação entre a Escola de Samba e os





cotidianos carnavalesco e não carnavalesco. Ainda obedecendo a Velho (1978), dentro do campo que se constituiu na caminhada, o familiar não era necessariamente percebido ou conhecido antes da observação mais atenta. Apenas com a atenção redobrada e percebendo a implicância do pesquisador no meio em que se encontra, “relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos estudar o familiar” (VELHO, 1978, p. 129).

Partindo de observações que se deram entre desconhecidos e familiarizados com aqueles espaços, entendemos, através do coser dessas duas cores, jogos pautados em distinções e aproximações, levando em conta o espaço simbólico da Escola de Samba e o universo que se extravasa para além das suas bordas. Pelas cores e sentidos que evocam, encontravam-se amigos, desafetos, parentes; resgataram-se contatos perdidos e novos laços foram criados durante o compartilhar de agulhas para execução de tarefas de costura e durante os lanches nos intervalos, tudo entremeado de contos e casos locais, recriando proximidades entre vizinhos e a reafirmação de sentido daquela Nação.

Com o passar do tempo, identificou-se, como recado para os recém-chegados, a possibilidade simbólica de que lá podemos “estar”. No entanto, que estejamos cientes de onde estamos, como se tivéssemos saído do espaço geográfico da cidade para visitar a Nação Mangueirense, cujas cores são majoritariamente demarcadas em apenas dois tons.

Paralelamente, enquanto as cores mantinham-se nas costuras, percebemos que os corpos e espaços também demarcavam com frequência o “verde e rosa”, fossem nas unhas, acessórios ou nas habituais toalhinhas





penduradas pelos ombros em dias de calor, além das fachadas das casas e muros na beira da rua.

Naquele universo, assim, pessoas e coisas parecem se comunicar com e pelas cores, convocando-nos à partilha dessa sociabilidade bicolorida. Nessa atividade, verde e rosa constituem uma gramática simbólica (GEERTZ, 2008), a partir da qual o verde costurado ao rosa, dentro e fora da escola de costura, conjuga significados para além do carnaval, embora nele ancorado de alguma forma.

Nesse contexto, chegamos ao morro, nesse texto, na tentativa de compreender minimamente o que significa “viver em verde e rosa”. Longe de tentar esgotar qualquer definição analítica, o intento deste relato etnográfico é, conforme Marilyn Strathern (2014) ensina, tentar minimamente “não só compreender o efeito de certas práticas e artefatos na vida das pessoas, mas também recriar alguns desses efeitos na escrita sobre eles” (STRATHERN, 2014, p. 350). De um lado, as cores verde e rosa foram se manifestando diretamente entre muros, corpos e conversas, casas e quadra da Escola de Samba; por outro lado, trazer para a escrita o relato de algumas cenas nas quais o verde e rosa, longe da quadra, ressoam a Mangueira, foi mais uma camada semântica das cores que extrapolam e se relacionam com a Estação Primeira de Mangueira.

Assim, o foco recai sobre o que Vincent Crapanzano (2005) chama de “cena”, ou seja, uma relação imbricada entre a realidade e a sua subjetivação, no sentido de que o que autor chama de “cena” é, em outras palavras, “a relação entre o que se considera como realidade ‘objetiva’ ou ‘suprema’ e [...] a sua subjetivação: um mundo de sombras, na fronteira da imaginação” (CRAPANZANO, 2005, p. 383), cenas que, no caso do Morro da





Mangueira, literalmente “colorem a nossa experiência da realidade objetiva” (CRAPANZANO, 2005, p. 383).

Conseqüentemente, as cores verde e rosa parecem ser vivências, experiências mais ou menos subjetivadas pelos moradores e demais frequentadores da quadra e do próprio Morro, independentemente do grau de proximidade efetivo com a Escola de Samba e/ou a quadra. A partir da vida cotidiana, pipocam o verde e o rosa em paredes, desenhos, adornos do dia a dia, decorações etc., ressoando a Escola de Samba, porém, mais ainda, uma “Nação”, que se veste dessas cores pelos caminhos para cima e para baixo. Verde e rosa são as cores da Escola de Samba Mangueira e, mais, da vida do/no/com o Morro da Mangueira, que se define a partir dessas colorações, em relação às vezes direta, às vezes indireta, com a Estação Primeira, centro pulsional do mundo bicolorido.

2. “O MORRO, COM SEUS BARRACÕES DE ZINCO, QUANDO AMANHECE”

Em 2017, a Mangueira levou para a Sapucaí o enredo “Só com ajuda de santo”, de autoria do carnavalesco Leandro Vieira. O enredo antecipa, de alguma forma, o que há nas subidas e descidas pelo Morro:

A Mangueira quer passar e comandar a procissão. Seu verde e rosa, todo mundo sabe, faz tempo já virou religião. Pra cruzar o seu caminho, é bom saber pisar. Traz mistério, credices e magia. Não se engane: Só quem pode com a mandinga, carrega patuá (VIEIRA *apud* CORREIA, 2017, p. 89).

Se a Escola de Samba Mangueira é conhecida como Verde e Rosa e, de fato, as cores “viraram religião”, como afirma o enredo de Vieira (2017),





por outro lado, o Morro da Mangueira, obviamente, está longe de ser apenas a Escola de Samba. Na complexidade (VELHO, 1981) das relações sociais e simbólicas que se estabelecem naquele universo, verde e rosa são construções significantes de uma “teia de significados” (GEERTZ, 2008) que desfiam o cotidiano da comunidade. Em outras palavras, a partir da Escola de Samba, as cores parecem organizar um sentimento de pertencimento, de fato uma “Nação verde e rosa”, que teve nas cores do estandarte da Mangueira uma âncora de vinculação e simbolização daquele pertencimento identitário.

Historicamente, o verde e o rosa estão na constituição da Escola e na sua essência:

Em 1925, Carlos Cachça, Cartola, Saturnino, Arturzinho, Zé Espinguela, Massu, Antônio, Chico Porrão, Homem Bom e Fiúca fundaram o Bloco dos Arengueiros, que, como o próprio nome sugere, reunia a rapaziada que era boa de samba e de briga. Esse bloco, três anos depois, se transformou na Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, reunindo, em torno de si, todos os demais blocos da comunidade. Assim, em 28 de abril de 1928, na Travessa Saião Lobato, número 21, Euclides Roberto dos Santos (morador desse endereço), Pedro Caim, Abelardo Bolinha, Saturnino Gonçalves (Satur, o pai de Neuma — mais tarde conhecida como a Dona Neuma, uma das figuras mais importantes em toda história da escola), José Gomes da Costa (Zé Espinguela), Marcelino José Claudino (Massu) e Angenor de Oliveira (Cartola) fundaram a Estação Primeira. As cores verde e rosa — inspiradas no rancho de sua infância, o Arrepiados, do bairro de Laranjeiras — e o nome da escola foram escolhidos por Cartola: *Eu resolvi chamar de Estação Primeira, porque era a primeira estação de trem, a partir da Central do Brasil, onde havia samba*” (IPHAN, 2014, p. 133).

Assim sendo, à histórica Travessa Saião Lobato, o Buraco Quente, chega-se cautelosamente, sendo possível identificar que durante os primeiros meses, sorratamente, somos indagados sobre de onde viemos, uma





forma de interação que começa a se estabelecer sobre trocas e experiências compartilhadas. Com o passar do tempo, percebe-se que, enquanto no asfalto o eco da falta de assunto é encoberto com comentários sobre o tempo, no Morro, parte da conversa parece pairar sobre o legado da Escola de Samba local, que está estampada nas cores do Morro.

Assim, por exemplo, entre idas e vindas pelo Buraco Quente, entro em uma lojinha para comprar um guarda-chuva e as opções de cor eram preto ou verde e rosa. Perguntei o valor, saí para sacar o dinheiro e percebi que o muro da agência bancária, integrada à atmosfera local, estampava um grafite da imagem de Nelson Sargento, presidente de honra da Escola. A escolha pela cor do produto pareceu óbvia quando retornei à loja, pois o guarda-chuva verde e rosa já estava em cima do balcão me aguardando.

No decorrer do tempo, as cores apareciam não apenas como um eco da Escola de Samba, mas também como uma realidade simbólica a diariamente reafirmar o fato de que ali é a Mangueira, uma Nação, próxima e distante, a depender do contexto, da Escola de Samba, mas mantendo sempre com ela alguma ligação, nem que seja, obviamente, através das cores.

Em outro momento, por exemplo, pude testemunhar o processo de um grafite que estava sendo feito em outra casa. Enquanto o rapaz grafitava, uma senhora da janela vizinha indagava sobre quais cores eram aquelas, considerando um desenho de flores feito em bege, preto e branco. Sem olhar para a idosa, o grafiteiro parecia ter entendido a pergunta e justificou que escreveria “as rosas não falam”. Nada mais precisou ser dito, a senhora voltou para casa e continuei subindo a ladeira do Buraco Quente.

Morro acima, cheguei a um loja de roupas situada em frente a um templo evangélico, loja que não se esqueceu das duplamente fiéis, ou seja,





aquelas fiéis à igreja e, ao mesmo tempo, à Mangueira, mantendo vestidos longos para as religiosas nas cores da Escola, havendo múltiplas e complexas realidades coloridas agindo na vida de todos naquele espaço, permanecendo o verde e o rosa como cores cujo significado que não ficou restrito à quadra, nem ao universo do samba, embora com eles mantenha sempre uma ligação evidente e evidenciada nas interações diárias.

Inicialmente, imagina-se que apenas o Buraco Quente, por ser a principal via e ponto de origem da Escola de Samba, mantém identificações mais diretas com o Mundo do Carnaval e do Samba em verde e rosa, porém, dando continuidade aos passeios pelo morro, diversos espaços, ruas, casas, vielas, becos etc. também mantêm os mesmos tons de verde e rosa nas áreas externa e interna, conservando as mesmas ref(v)erências nos espaços a constituir a “Grande Mangueira”

Independentemente do momento do ano, o morro parece nunca esquecer “suas” cores, reafirmando-as inclusive na relação com as crianças, muitas das quais, ainda de fraldas, carregam as cores verde e rosa nos laços do cabelo ou nas pontas das tranças repletas de miçangas, cores que também chegam aos bonés e tênis dos rappers, extrapolando um sentido “carnavalesco/sambista” das mesmas.

3. EM UMA VIDA “VERDE QUE TE QUERO ROSA”

Há uma vida no Morro da Mangueira que, obviamente, extrapola a Escola de Samba. O morro traz consigo moradores cansados de desfilar; aqueles que nunca desfilaram, nem entraram na quadra; aqueles não assíduos que, por outro lado, se fazem presentes nos ensaios de rua por conta de familiares integrantes da Escola; ex-integrantes e uma





multiplicidade de formas devivenciar o verde e rosa que, contudo, é impulsionada a partir da Escola de Samba. Em suma, de algum modo, todos carregam em suas histórias um pedaço de Estação Primeira de Mangueira, ao menos no brilho das suas cores, que simbolizam o Morro da Mangueira social e culturalmente de maneira mais ampla.

A partir de tais observações, o Morro se apresenta, ao mesmo tempo, próximo e distante (GEERTZ, 1997) do que seja a Mangueira da imagem projetada pela Escola de Samba. O cotidiano inclui a “instauração de sua própria ordem”, uma ordem em verde e rosa, “alternativa” (SODRÉ, 2033, p. 65). O “verde e rosa” parece, assim, evidenciar sua qualidade, nas palavras de Lévi-Strauss (2003), de ser um “significante flutuante” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 43), cujos significados deslizam e são multifacetados, às vezes remetendo diretamente à Estação Primeira, e, em outras vezes, mantendo com ela uma relação semântica mais distante, deslizando o significado do “verde e rosa” para a noção de pertencimento a uma “Nação”. Obviamente, a Escola de Samba é o ponto nevrálgico e pulsional das duas cores, mas os significados que as cores assumem às vezes se distanciam, às vezes se aproximam e outras vezes se confundem integralmente com a Escola. De qualquer forma, novamente, a Escola de Samba é a base da significação das cores, sempre resplandecendo através delas de algum modo.

A Mangueira parece reafirmar-se como Nação em seus signos de identidade, tais como o verde e o rosa, o Palácio do Samba, a bandeira, as personalidades locais, os baluartes, contraventores, líderes religiosos e disputas diárias, quando ao final de cada desentendimento muitos riem e relembram, aos gritos e/ou sussurros, que ali é o Buraco Quente e o Morro... verde e rosa.





4. QUESTÕES FINAIS EM VERDE E ROSA

Finalmente, neste breve relato etnográfico, perguntas sobressaem dos limites do pequeno texto. Quais sentidos de/em verde e rosa extrapolam os limites da Escola de Samba? O que é uma vida em verde e rosa que, muitas vezes, não se relaciona com o universo do Samba, embora com ele mantenha um contato definido pela própria coloração do Morro? O que é a Nação Mangueirense em relação à Escola de Samba Mangueira? Como as cores impõem uma ordem simbólica a um mundo específico que não se restringe à Escola de Samba, mas que, com ela, estabelece âncoras de significação, na relação com o uso das cores? O que são e o que significam essas cores – “significantes flutuantes”(LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 43) – para as milhares de pessoas que vivem naqueles espaços? Aliás, pode haver uniformidade ou consenso no que elas significam? Como e em que medida conflitos são construídos ou resolvidos com e a partir das cores verde e rosa?

Etnograficamente, um mundo verde e rosa, a partir dessas e de outras muitas indagações, está vivo e vive.

REFERENCIAS

CORREIA, M. R. (org.). **Arte e Patrimônio no Carnaval da Mangueira**. Brasília: IPHAN, 2017.

CRAPANZANO, V. “A cena: lançando sombra sobre o real”. *Mana*, 2005, vol.11, n.2, p.357-383.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.





GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

IPHAN. **Matrizes do samba do Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo**. Dossiê 10. Brasília, DF: Iphan, 2014.

LÉVI-STRAUSS, C. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 11-45.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

STRATHERN, A. M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VELHO, G. **Individualismo e cultura - notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, G. “Observando o familiar”. In: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

